

## CARTAS AO EDITOR

### «Psiquiatras e psiquiatria na história – A propósito do livro *As raízes dos sintomas e da perturbação mental*» – A resposta

DIOGO TELLES CORREIA\*

Professor Auxiliar com Agregação da Clínica Universitária de Psiquiatria e Psicologia Médica da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.

Na sequência da carta ao editor publicada na *Revista Portuguesa de Saúde Mental* n.º 2 (2017), sob o título «Psiquiatras e psiquiatria na história – a propósito do livro *As raízes dos sintomas e da perturbação mental*», de que sou coordenador, cabe-me referir que:

1. A obra intitulada *As raízes do sintoma e da perturbação mental* é um livro que coordenei e em que participaram autores ligados às faculdades de Medicina de Lisboa e do Porto, ao King's College de Londres e à Faculdade de Medicina da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, entre outras prestigiadas instituições (incluindo o Hospital Júlio de Matos);

2. Este livro foi prefaciado pelo catedrático espanhol e figura inestimável da psicopatologia mundial Prof. Vallejo Ruiloba, que o considerou «um tributo ao passado e aos homens que fizeram da psiquiatria uma matéria médica e científica», reconhecendo que «este tributo» deveria ser «apreciado e valorizado como merece» (citações que constam do próprio livro). Na apresentação do livro que se deu no primeiro encontro da Associação Portuguesa de Psicopatologia (APPSICO)<sup>1</sup>, da qual sou vice-presidente, o Prof. Vallejo elogiou a qualidade do livro e sugeriu a sua tradução para espanhol, dizendo que era «único em Portugal e que não existia nenhum do género em Espanha»;

3. Muitos dos conteúdos incluídos no livro, nomeadamente aqueles de que sou autor, são resultado de uma profunda investigação que culminou na publicação de vários artigos publicados em revistas internacionais sujeitas a um rigoroso *peer review*, indexadas e com bom fator de impacto para a área.

4. O Dr. José Manuel Jara elaborou, na «carta ao editor» referida, uma série de comentários sobre esse livro. Nesta resposta deter-me-ei em aspetos que considero serem crí-

ticas estruturais à exposição teórica dos primeiros capítulos, ou a clarificar lapsos que levaram o Dr. José Manuel Jara a supor que algumas das afirmações que fiz não correspondiam à verdade dos factos históricos.

4.1. Relativamente à «frequente contradição» a que o Dr. José Manuel Jara se refere no primeiro capítulo em que se tenta esquematizar a construção do sintoma e da perturbação mental, passo a explicar o fio condutor desse capítulo, que tem sido inteligível para a maioria dos leitores, mas que acredito poder ser motivo de algumas dificuldades de interpretação para quem esteja menos atento à diversidade paradigmática que está na base da validação dos sintomas e das perturbações nesta área. Ora, nesse capítulo começa-se por reforçar a importância da validade teórica dos conceitos que frequentemente resulta «das decisões de determinados agentes sociais num contexto social e histórico e de acordo com uma visão epistemológica e ontológica específica identifica que determinadas manifestações comportamentais constituem um sintoma ou uma perturbação»; posteriormente, há lugar para uma validação empírica das hipóteses teóricas (que pode ser neurocientífica ou psicométrica). Esta sequência de contributos validativos (do teórico para o empírico) tem sido uma constante na validação dos constructos psicopatológicos e é elementar para quem compreende os seus princípios básicos. Para uma maior compreensão destes temas sugiro, pois, a leitura dos meus últimos artigos que se debruçam de forma profunda sobre a validade em psiquiatria e as diferentes formas de compreendê-la e abordá-la<sup>2,3</sup>.

4.2. Subentende o Dr. José Manuel Jara que, para construir o modelo que foi apresentado neste capítulo, me baseei sobretudo nas obras de Berrios, cujos textos estimo e leio com entusiasmo, o que não está correto, pois foram também tidos em grande conta outros textos que focam uma linha contemporânea de pensamento sobre o problema da validade em psiquiatria e cuja leitura também recomendo, para que esses temas fulcrais se tornem mais inteligíveis<sup>4,5,6,7,8</sup>.

\* Correspondência: tellesdiogo@gmail.com

4.3. Talvez depois de uma reflexão e um estudo profundos dos temas que sugeri, o Dr. José Manuel Jara possa aperceber-se de que a contradição a que se referia possa querer dizer diversidade de formas de validar os conceitos psicopatológicos. Uma diversidade de paradigmas que já Lanteri-Laura sublinhava: «só pode entender-se a psiquiatria aceitando/integrando diferentes paradigmas com epistemologias regionais próprias»<sup>9</sup>.

4.4. Quando o Dr. José Manuel Jara se refere à «afirmação equivocada» de que «Esquirol substitui o termo melancolia por monomania para designar delírio parcial», afirmando ainda que «o facto é que Esquirol substitui o termo melancolia, demasiado utilizado a seu ver, por lipomania, do grego *lype*, tristeza» (incluindo uma referência que não pertence à obra original de Esquirol), lamento afirmar que o equívoco não é meu, mas do Dr. José Manuel Jara. Ora, se se ler com atenção o *Traité de l'aliénation mentale, ou De la nature, des causes, des symptômes et du traitement de la folie*, traduzido para inglês<sup>10</sup>, reparar-se-á que ele distingue a monomania da mania, sendo que a primeira se refere ao *délire partiel* («loucura parcial») e o segundo à loucura universal ou total. Ora no capítulo das monomanias, do mesmo livro, o Autor distingue vários tipos de monomania, uma das quais é a *lypomania*, que corresponde à loucura parcial acompanhada de depressão. Assim, está muito bem explicado no segundo capítulo e no capítulo da escola francesa do livro em análise que coordenei que a monomania de Esquirol substitui a melancolia de Pinel no que se refere à delimitação da loucura parcial. Uma das riquezas dos textos do livro *As raízes do sintoma e da perturbação mental* é que se baseia preferencialmente nas obras originais e não em referências indiretas, de forma a evitar este tipo de lapsos. Para uma leitura mais aprofundada sobre os temas, sugiro o texto original de Esquirol referido e os meus artigos<sup>11, 12, 13, 14</sup>.

4.5. Tendo o Dr. José Manuel Jara referido que Esquirol nunca terá escrito que «as alucinações correspondem a formas de delírio», remeto novamente para a fonte original do autor (e, mais uma vez, não para as fontes indiretas que repetidamente cita). No capítulo sobre as alucinações do seu livro, Esquirol escreve a propósito destes fenómenos psicopatológicos, na página 105, o seguinte<sup>9</sup>: «uma certa forma de delírio na qual os indivíduos acreditam que percebem, através de uns ou de outros sentidos, sem que nenhum objeto exterior esteja presente». Mais adiante Esquirol repete: «A evidência proveniente dos sentidos não tem nada que ver com este tipo de delírios»<sup>9</sup>. Esquirol volta várias vezes a fazer referência a que as alucinações correspondem a «um tipo de delírio» que os indivíduos acreditam perceber, mas que o fenómeno se mantém a nível intelectual e nunca perceptivo. Sugiro, para uma melhor compreensão deste tema, novamente a leitura do meu artigo<sup>11</sup>.

4.6. O Dr. José Manuel Jara refere que não concorda com a frase «São aqui desenvolvidos os percursos históricos de apenas alguns dos termos que se considera terem representado os principais conceitos em psicopatologia». Acrescenta que, segundo esta linha, «o autor lavra em erro quando julga traçar a evolução do conceito de “mania” quando de facto apenas está a descrever a evolução histórica dos termos mania ou melancolia». Ora, tenho de discordar novamente. O conteúdo da frase que citou do meu livro não podia ser mais coerente. Remeto para o significado de conceito: «*a concept is that which is understood by a term, particularly a predicate*»<sup>15</sup>. Em vários dicionários de português poderá ler: «representação mental, abstrata e geral de um objeto, ideia geral», «compreensão que uma pessoa tem de uma palavra», «representação simbólica com um significado geral que abarca séries de objetos que possuem propriedades comuns»<sup>16</sup>. Noutros dicionários pode ler: «conceito significa definição, conceção, caracterização». É um termo com origem latina em *conceptus* do verbo *concipere*, «conter completamente, formar dentro de si»<sup>17</sup>.

Ora, o que eu fiz de forma rigorosa e recorrendo a várias fontes originais, foi traçar o percurso dos conceitos (significados, representações) que corresponderam a alguns dos termos psicopatológicos hodiernamente mais usuais.

4.7. A propósito do «simplismo esquemático» a que o Dr. José Manuel Jara se refere nomeadamente no que diz respeito à filosofia husserliana, devo referir que, nós, professores e pedagogos, temos um terrível vício: o de tentar simplificar o complexo. É uma das tarefas mais complexas da vida académica e por vezes resulta, outras vezes não. Não terá resultado com a interpretação que o Dr. José Manuel Jara fez do primeiro capítulo, no que se refere ao problema da validação em psiquiatria. Mas digo-lhe que resultou com muitos dos meus alunos de Medicina e internos de Psiquiatria, que, depois de lerem o dito capítulo, passaram a ter noções muito mais acertadas sobre a construção dos conceitos em psicopatologia. Assunto, como sabe, muito pouco discutido na formação pré e pós-graduada em Psiquiatria. Aconteceu o mesmo com o Prof. Julio Vallejo, que resumiu muito bem os objetivos do dito capítulo no prefácio que escreveu e na apresentação oral que fez do livro, elogiando a sua forma e o seu conteúdo. Portanto, a mensagem tem chegado a leitores de todos os níveis de formação e conhecimento, o que a dota de uma validade muito transversal e é um facto que muito me regozija. Exemplo de uma esquematização didática da filosofia da psiquiatria (incluindo a filosofia husserliana) é o livro editado por Fulford e colaboradores, que o Dr. José Manuel Jara já terá obviamente explorado. Outro livro cuja consulta aconselho, e que é exemplo paradigmático de como é possível tentar tornar simples o complexo

é um livro que acabou de ser traduzido para português e que inclui transcrições de discursos de Jaspers direcionados para o público em geral sobre temas como a filosofia e a psiquiatria<sup>18</sup>.

4.8. No âmbito do termo *délire*, tendo o Dr. José Manuel Jara referido que «é descabido sobrevalorizar a terminologia ao ponto de atribuir “dificuldades aos franceses neste domínio», tenho de referir que a interpretação do conteúdo do texto está novamente enviesada pela idiosincrasia da interpretação do Dr. José Manuel Jara. O que está escrito segue a bibliografia que citei, onde esta «dificuldade» se relaciona com a tendência dos franceses para uma fraca definição dos limites dos conceitos associados ao termo *délire* (onde, como saberá, não cabiam apenas as alterações do pensamento ou da razão, mas também uma noção generalizada de «loucura»). Na página 332 do dicionário de Tuke<sup>19</sup> pode ler-se: «Délire – French term not only for delirium, but mania and monomania», subentendendo a pouca especificidade do termo. Mais uma vez

aconselho a leitura das fontes originais para uma interpretação mais rigorosa.

4.9. Uma última pequena correção. Quando o Dr. José Manuel Jara escreve «livro de Psicopatologia Clínica de Frank Fish (e Max Hamilton)», comete uma imprecisão. O livro é de Frank Fish (único autor); a 2.<sup>a</sup> edição é que teve como editor Max Hamilton (que procura nessa edição ser o mais fiel possível à edição original de Fish). Mas os autores não são «Frank Fish (e Max Hamilton)».

5. Por fim, não posso deixar de agradecer ao Dr. José Manuel Jara por se ter debruçado tão afincadamente sobre mais um livro que coordenei. Seria importante que outros autores como o Dr. José Manuel Jara se dispusessem a escrever um livro sobre estes temas tão importantes em que nos possam brindar com o seu estilo de escrita, o seu pensamento e as suas escolhas (de autores e temas). Prontificar-me-ei, com prazer, a elaborar uma crítica informada, ponderada, e construtiva.

## Bibliografia

1. <http://psicopatologia.pt/> [consultado a 20-11-2017].
2. Telles-Correia D. Different perspectives of validity in psychiatry. *J Eval Clin Pract.* 2017;23(5): 988-993.
3. Telles-Correia D. The concept of validity throughout the history of psychiatry. *J Eval Clin Pract.* 2017; 23(5): 994-998.
4. Rodrigues AC, Banzato CE. Reality and utility unbound: An argument for dual-track nosologic validation. In: Zachar P, Stoyanov DS, Aragona M, Jablensky A, eds. *Alternative Perspectives on Psychiatric Validation.* Oxford: Oxford University Press; 2015: 47-59.
5. Zachar P, Kendler K. Philosophical issues in the classification of psychopathology. In: Millon T, Kruege RF, Simonsen F, eds. *Contemporary Directions in Psychopathology: Scientific Foundations of the DSM V and ICD-11.* New York: The Guilford Press; 2010: 127-148.
6. Stoyanov D, Stanghellini G, Broome M. Conceptual issues in psychiatric neuroimaging: an update. *Curr Top Med Chem.* 2012; 12(21): 2348-56.
7. Cooper J, Sartorius N. Diagnosis in psychiatry. In: *A Companion to the Classification of Mental Disorders.* Oxford: Oxford University Press; 2013: 64-69.
8. Jablensky A. The diagnostic concept of schizophrenia: its history, evolution, and future prospects. *Dialogues Clin Neurosci.* 2010;12(3): 271-87.
9. Lanteri-Laura G. Ensayo sobre los Paradigmas de la Psiquiatria Moderna. Madrid: Editorial Tricastela; 2000: 303.
10. Esquirol E, *Mental Maladies, a Treatise on Insanity,* E. K. Hunt (trans), Philadelphia: Lea and Blanchard; 1845: 320.
11. Telles-Correia D, Sampaio D. Editorial: Historical Roots of Psychopathology. *Front Psychol.* 2016; 14; 7: 905.
12. Telles-Correia D, Moreira AL, Gonçalves JS. Hallucinations and related concepts – their conceptual background. *Front Psychol.* 2015; 6: 991.
13. Telles-Correia D, Marques JG. Melancholia before the 20th century: Fear and sorrow or partial insanity? *Front Psychol.* 2015; 3; 6: 81.
14. Telles-Correia D. A evolução conceptual do delírio desde a sua origem até à modernidade. *Psilogos.* 2014; (12) 2: 40-51.
15. Blackburn S. *Oxford Dictionary of Philosophy.* Oxford: Oxford University Press; 2008.
16. <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa> [consultado a 20-11-2017].
17. Machado JP. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa.* Lisboa: Livros Horizonte; 2003.
18. Jaspers K. *Pequena Escola do Pensamento Filosófico.* Amadora: Cavalo de Ferro; 2016.
19. Tuke D. *A Dictionary of Psychological Medicine.* Philadelphia: P. Blakiston Son & Co; 1892.